

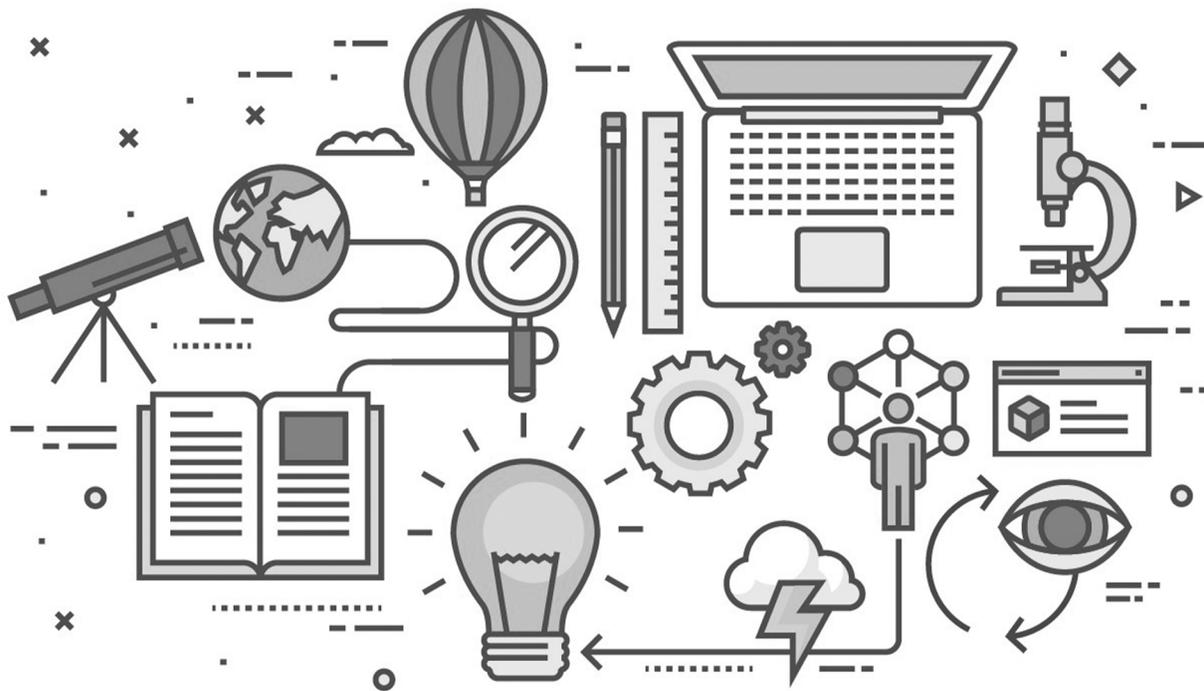


**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

5

Atena
Editora
Ano 2021



Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

5

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da
sociabilidade humana

5

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P769 Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana 5 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-721-5

DOI 10.22533/at.ed.215211201

1. Educação. 2. Política pública. 3. Sociabilidade humana. 4. Corpo. 5. Mente. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A construção do campo de estudos em Ciências da Educação tem passado por uma crescente produção incremental de pesquisas em diferentes partes do mundo em razão das rápidas transformações da realidade social, razão pela qual o presente livro surge para ampliar os debates temáticos com um enfoque humanístico.

Esta obra, “Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana: Olhares sobre o Corpo e a Mente”, dá continuidade aos esforços coletivos das obras anteriores, buscando dar voz a diferentes pesquisadores brasileiros e estrangeiros com o objetivo de mostrar a riqueza analítica e propositiva de nossas pesquisas científicas relacionadas ao campo educacional.

Fruto de um trabalho coletivo de trinta e sete pesquisadores oriundos das regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste, bem como do Chile e de Portugal, esta obra conjuga as contribuições oriundas de diferentes instituições públicas e privadas de ensino, pesquisa e extensão, findando valorizar as análises e debates no campo epistemológico de Ciências da Educação.

O presente livro foi estruturado por meio de pesquisas que se caracterizaram quanto aos fins por estudos exploratórios, descritivos e explicativos, bem como por estudos qualitativos em função das diferentes técnicas utilizadas nos procedimentos metodológicos de levantamento e análise de dados.

Organizado em três eixos temáticos, os quinze capítulos apresentados neste livro dialogam entre si por meio de análises fundamentadas em estudos de casos e relatos de experiência sobre ricas agendas empíricas presentes dos campos epistemológicos de Educação Física, Artes Cênicas e Visuais, e Literatura.

Com base nas análises e discussões levantadas nos diferentes capítulos desta obra existe uma franca contribuição para o público geral ou especializado no entendimento de que o campo das Ciências da Educação é eclético, sendo conformado por diferentes matizes teórico-metodológicas que possuem o objetivo comum de explicar e propor melhorias e estratégias educacionais aos desafios e complexidades do mundo real.

Em nome de todos os pesquisadoras e pesquisadores envolvidos neste livro, comprometidos com o desenvolvimento das Ciências da Educação, convidamos você leitor(a) para explorar conosco, neste rico campo científico, toda a riqueza empírica da nossa realidade educacional contemporânea, pois urge a necessidade de avançarmos em estratégias cada vez mais humanísticas.

Ótima leitura!

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

OLHARES SOBRE O CORPO E A MENTE

CAPÍTULO 1..... 1

A DANÇA URBANA/HIP-HOP NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO A BNCC (2017): UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Yasmin Dolores Lopes

Ana Paula Franciosi

José Augusto Victoria Palma

DOI 10.22533/at.ed.2152112011

CAPÍTULO 2..... 12

ESPORTE ORIENTAÇÃO NO CAMPUS UFSM

Ana Paula Koeche

Christiane Francisca Venturini Kirchhof

Leandra Costa da Costa

Diane Bremm

DOI 10.22533/at.ed.2152112012

CAPÍTULO 3..... 24

RUA DE LAZER: INTEGRANDO O SOCIAL AO ENTRETENIMENTO

Felipe Oliveira Barros

Ingridy Beatriz Gomes do Nascimento

Kadydja Karla Nascimento Chagas

Maria Dolôres de Oliveira Souza Neta

Rianne Vitória Moraes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.2152112013

CAPÍTULO 4..... 38

APRENDER COM O CINEMA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA EDUCADORES E PROFESSORES EM MEDIA E SOCIEDADE

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.2152112014

CAPÍTULO 5..... 50

TEATRO DE FANTOCHES PARA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O USO RACIONAL DE RESÍDUOS PLÁSTICOS

Kauane de Souza Mendes

Emilly Araújo Gonçalves do Nascimento

Eduardo Antunes

Fabiane Fortes

Fabírcia Predes de Souza

DOI 10.22533/at.ed.2152112015

CAPÍTULO 6..... 56

PROCESSOS TEATRAIS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA REFLEXÃO ACERCA

DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO PIBID

Rayssa Talamini

Thais de Lima Silva

DOI 10.22533/at.ed.2152112016

CAPÍTULO 7..... 71

CARTOONS COMO GÊNERO DE ENSINO E O TRABALHO DE TEMAS TRANSVERSAIS NO LIVRO DIDÁTICO

Izabel Silva Souza D'Ambrosio

Luanne Michella Bispo Nascimento

Maracy Pereira

DOI 10.22533/at.ed.2152112017

CAPÍTULO 8..... 80

A PRESENÇA DA LITERATURA INDÍGENA NAS ESCOLAS E A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PROFESSORES E DIRIGENTES ESCOLARES

Débora Vieira Marialves

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.2152112018

CAPÍTULO 9..... 92

AS FRONTEIRAS E O LOBATO: UM EXERCÍCIO DE ÉTICA

Alexsandra Moreira de Castro

José de Sousa Miguel Lopes

DOI 10.22533/at.ed.2152112019

CAPÍTULO 10..... 112

CARTAS AO IMAGINÁRIO FEMININO NA AMÉRICA OITOCENTISTA

Samara Elisana Nicareta

Valter Andre Jonathan Osvaldo Abbeg

DOI 10.22533/at.ed.21521120110

CAPÍTULO 11..... 124

CRITICIDADE, HUMANIZAÇÃO E A DISCUSSÃO DA SAÚDE PÚBLICA ATRAVÉS DA LITERATURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cisnara Pires Amaral

DOI 10.22533/at.ed.21521120111

CAPÍTULO 12..... 135

LEITURA NO ENSINO TÉCNICO: O QUE PENSAM OS DOCENTES?

Adriana Nunes de Souza

DOI 10.22533/at.ed.21521120112

CAPÍTULO 13..... 145

O PEQUENO PRÍNCIPE: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE LITERATURA E CIÊNCIAS HUMANAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ALNIR LIMA SOARES - PINHEIRO – MA

Dimas dos Reis Ribeiro

Julyana Cabral Araújo
Ramonn de Oliveira Alves

DOI 10.22533/at.ed.21521120113

CAPÍTULO 14..... 154

**OS DESAFIOS DA LEITURA DA LITERATURA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO DE
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Cícero Santolin Braga

DOI 10.22533/at.ed.21521120114

CAPÍTULO 15..... 167

**PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NA ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE: A
EXPERIÊNCIA DO “PROJETO JÁ SEI LER – LEITURA EM VOZ ALTA”**

Sandrina Maria da Silva Esteves

Ana Patrícia Tavares de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.21521120115

SOBRE O ORGANIZADOR..... 178

ÍNDICE REMISSIVO..... 179

AS FRONTEIRAS E O LOBATO: UM EXERCÍCIO DE ÉTICA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 05/10/2020

Alexsandra Moreira de Castro

Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG)
Belo Horizonte – MG
<http://lattes.cnpq.br/3724246970308270>

José de Sousa Miguel Lopes

Professor no Curso de Pedagogia e no Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Belo Horizonte – MG
<http://lattes.cnpq.br/0369885239832659>

RESUMO: Este texto, fruto de reflexões oriundas com a disciplina “Fronteiras do pensamento”, do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, procura colocar em diálogo a Educação com algumas considerações de vários autores, dos muitos ramos do conhecimento. Esse diálogo se faz mediado por ensinamentos presentes em o *Sítio do Picapau Amarelo*, obra prima de Monteiro Lobato. Assim, o próprio Sítio, Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Narizinho, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Cuca e Saci Pererê entram em cena para que as considerações sobre relações de poder, democracia, decolonialidade, igualdade de direitos, respeito, necessidade de mudança para

um mundo melhor, racionalidade e vergonha, ciência do humano e da humana e o bem e o mal possam ser acolhidas e debatidas na formação docente. Por fim, a Ética também é convidada para esse colóquio, a fim de que seja aberta a possibilidade do ensino de melhores condutas, para que crianças, adolescentes e adultos/as possam melhor viver no Planeta Terra, em bases de fraternidade, solidariedade e respeito mútuo.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras do pensamento; Educação; Formação docente; *Sítio do Picapau Amarelo*; Ética.

FRONIERIERS AND LOBATO: AN EXERCISE IN ETHICS

ABSTRACT: This text, result of reflections from the discipline “Borders of thought”, from the *Stricto Sensu* Master Course in Education, from the Faculty of Education of the University of the State of Minas Gerais, seeks to put Education in dialogue with some considerations of several authors, from the many branches of knowledge. This dialogue is mediated by teachings present in *Sítio do Picapau Amarelo* (Yellow Woodpecker’s Farm), Monteiro Lobato’s masterpiece. Thus, the farm itself, Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Narizinho, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Cuca and Saci Pererê enter the scene so that considerations about power relations, democracy, decoloniality, equality of rights, respect, need for change for a better world, rationality and shame, science of human and good and evil can be welcomed and debated. Finally, Ethics is also invited to this colloquium, in order to open the possibility of teaching better conduct is, so that children, teenagers and adults

can live better on Planet Earth, based on fraternity, solidarity and mutual respect.

KEYWORDS: Borders of thought. Education. Monteiro Lobato. Sítio do Picapau Amarelo. Ethics.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de reflexões advindas com a Disciplina “Fronteiras do Pensamento”, no 2º semestre de 2019, no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Com o objetivo de a Educação dialogar com vários ramos do conhecimento (Filosofia, Psicologia, História, Ciência Política, Sociologia, Tecnologia e Artes), a disciplina discutiu a hegemonia, o poder e a formação humana; a predominância no campo da Educação da filosofia idealista, ocidentalizada e etnocêntrica; a consequente e necessária visão decolonial (desafio educativo urgente para países periféricos como o Brasil); a desigual distribuição de poder e a política, que interferem no campo da Educação, notadamente nas diretrizes curriculares, alimentando discriminações, violência física e até mesmo a morte, seja no interior da própria escola seja em suas proximidades; algumas questões de gênero e algumas interfaces com o racismo e, portanto, a imperiosa desconstrução dos mitos da democracia racial e da hegemonia da branquitude, com o convite para a luta antirracista nas universidades brasileiras; as novas tecnologias e os estudos de vigilância de corpos e de mentes, que apontam para novas formas de resistência dos/as vigiados/as, que somos quase a humanidade inteira; a colonização epistêmica (procurando responder por que a Ciência é masculina e por que o pensamento hegemônico do Norte desqualifica as Ciências feitas no Sul) e as pesquisas em Educação; e, por fim, a arte e a hegemonia ocidental a partir do cinema (o fenômeno hollywoodiano e a sua indispensável desconstrução).

Mas, por que o diálogo nas fronteiras com esses ramos do conhecimento, com a Educação, com a formação docente e com a Ética?

Em seu sentido literal, fronteira pode ser entendida como demarcação; é o que define o território de um país (ou a sua base física) ou de uma região/faixa, conferindo-lhe soberania interna e externa, isto é, autonomia diante dos outros Estados, em suas relações internacionais, já que, em tese, entre os Estados não há relação de subordinação nem dependência e, sim, igualdade. Na prática, essa igualdade é uma falácia, senão não haveria guerras e não seria necessária a discussão sobre a hegemonia epistêmica, por exemplo. Em outras palavras, fronteira é o que separa um país de outro país ou de outros países ou, ainda, é o que separa uma região/faixa de outras regiões/faixas. Já limite (intimamente ligado à demarcação) é uma linha imaginária, por assim dizer, que determina/indica uma extensão espacial ou que separa duas ou mais extensões. Fronteira, desse modo, implica em demarcação. Pergunta-se: seria essa demarcação natural, advinda de divisões geológicas, geográficas? Ou seria geométrica, portanto determinada/fixada por atividade

humana? Lembremo-nos de como as fronteiras africanas foram criadas e impostas pelos Colonizadores; lembremo-nos de como os mapas dos territórios foram e são desenhados. Demarcação, por sua vez, implica em proteção, pelo menos é o que a História, ao longo dos tempos, mostra. Ressalte-se que essa proteção pode ir desde o acompanhamento burocrático da saída de pessoas de um território à entrada dessas mesmas pessoas em outro território até a criação de muros e à implantação de guerras que salvaguardariam o território. Pergunta-se: salvaguardar quem de quem ou do quê?

Já o pensamento é a faculdade inerente aos homens (às mulheres também?), elemento que nos distingue dos animais irracionais. É o resultado do pensar, que está intimamente ligado a um processo de raciocínio lógico e à capacidade de julgamento. É pelo pensar que apreendemos o conteúdo de um determinado objeto ou situação e formamos ideias e opiniões.

Segundo Badiou (filósofo, dramaturgo e romancista francês nascido no Marrocos), a ideia é o resultado, a ligação entre o que ficou convencionalizado como verdade e o próprio sujeito; em outras palavras, é tomarmos posição frente aos acontecimentos, oferecendo elemento novo para discussão, debate, problematização. A ideia é fruto de estudo. A opinião é contrário à ideia; diz respeito ao julgamento pessoal e, portanto, relaciona-se à convicção íntima que pretende ser verdade válida para todos e todas. Exemplos bem atuais: 1) os/as terraplanistas – defendem que a Terra é plana, independentemente de a Ciência provar continuamente o contrário – e 2) os/as que têm opinião de que o homem não pisou na Lua, vez que, para eles/elas, foi encenação cinematográfica, independentemente das pesquisas científicas, dos projetos espaciais, dos lançamentos dos foguetes, dos materiais audiovisuais disponíveis e das milhares de fotos da viagem espacial, da lua, dos astronautas na lua, da Terra vista da lua etc.

Por isso, no universo do pensamento (que implica na formação de ideias e de opiniões) é preciso refletir quem pensa ou quem está autorizado a pensar (e autorizado por quem? Por quê? Com qual finalidade?). É preciso refletir como pensa ou foi ensinado a pensar, para que pensa, pois estamos imersos/as em uma ideia epistêmica de que somente os europeus pensam. Os filósofos, sociólogos, juristas, educadores que estudamos são europeus. Uma exceção é Paulo Freire (1921-1997), que, conhecido e reconhecido internacionalmente, além de educador, também era filósofo. É patrono da Educação Brasileira.

Ora, se o pensamento é faculdade inerente ao ser humano, cada um/a de nós pensamos (uns e umas dentro da lógica etnocêntrica, ainda que não nos apercebemos disso; uns e umas dentro de outras lógicas).

Portanto, estas reflexões motivaram a enxergar a realidade que nos cerca com outros olhos, na intenção de atuarmos no mundo, notadamente no campo da Educação, de forma mais consciente e ética.

Alguma semelhança com *Alice no país das maravilhas*¹, que se viu transportada para um mundo marcado por incertezas e pela falta de lógica?

Falando em Alice, a referida disciplina também trouxe à baila outras figuras: Monteiro Lobato e o *Sítio do Picapau Amarelo*. Vamos entender.

2 | LOBATO E O SÍTIO

Monteiro Lobato² é conhecido na literatura brasileira por suas histórias infantis do e no *Sítio do Picapau Amarelo*. É uma série composta por 23 (vinte e três) livros, escritos entre 1920 e 1947³, que pertence à literatura fantástica, quer dizer, as narrativas são ficcionais e discutem a mitologia, o folclore, a matemática, a gramática, as guerras, a morte, o tempo...

De linguagem inventiva, prazerosa e bastante criativa, destaca-se o próprio Sítio como um lugar sem geladeira e sem televisão (portanto sem computador, celular, internet... e, via de consequência, sem a vigilância a que todos e todas estamos sujeitos/as mediante o uso de tecnologias (KANASHIRO, 2016).

Destaque, também, para os/as personagens, muitos/as deles subversivos⁴. Vejamos:

Dona Benta, a democrática avó de Narizinho e Pedrinho. Permite que os netos vivam a infância, em experiências fantásticas, rodeados de muitos livros. Ela lê para os demais personagens e é excelente contadora de histórias. É a dona do *Sítio* e tem mais de 60 (sessenta) anos. Benta Encerrabodes de Oliveira é muito sábia, usa óculos na ponta do nariz e mora com a Tia Nastácia, o Tio Barnabé e a Narizinho.

Tia Nastácia, costurou a boneca Emília. É a cozinheira do *Sítio*, mas também é uma espécie de faz-tudo. Bondosa, narra para as crianças o folclore brasileiro, descortinando mundos novos.

Tio Barnabé, um ex-escravo a quem Pedrinho recorre para obter conhecimento. Homem da roça, conhece tudo de floresta, de folclore e de superstições.

Narizinho, seu nome é Lúcia Encerrabodes de Oliveira, mas ganhou o apelido por

1 Abreviatura para a obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, escrita por Charles Lutwidge Dodgson, que usou o pseudônimo de Lewis Carroll. Publicada em 4 de julho de 1865, é um dos livros mais famosos do gênero literário nonsense, ou seja, sem sentido/nexo. Narra a história de uma menina chamada Alice que caiu em uma toca de coelho e se viu em um mundo cheio de surpresas. Ficou curioso/a com a analogia feita com a disciplina “Fronteiras do pensamento”? Leia TOMAZ, R. Alice cresceu: uma metáfora das alterações socioculturais na contemporaneidade. **RuMoRes**, v. 8, n. 15, 9 Ago. 2014. p. 191-206.

2 José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) foi escritor, contista, tradutor, editor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, quando recebeu herança de seu avô. Pode-se dizer que é precursor da literatura infantil no Brasil, sendo que a maior parte de suas histórias se passava no célebre *Sítio do Picapau Amarelo*.

3 Período que compreende, por exemplo, a Segunda Grande Guerra (surgimento do Nazismo, o Holocausto e as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki), a Grande Depressão (iniciada com a quebra da bolsa de valores de Nova York) e a criação da ONU, da OTAN, do FMI e do Banco Mundial. No Brasil, esse período compreende a Semana da Arte Moderna, a Revolução de 1930, o Governo Vargas (incluindo a implantação e a queda do Estado Novo) e a mentalidade escravocrata nas relações sociais.

4 Afinal, o que é subversão? Desafiar regras? Que regras? Derrubar, destruir costumes e normas, colocando outros no lugar? Cilza Bignotto (2019) afirma que as crianças [acrescentamos, o ser humano de maneira geral] se reconhecem em seres subversivos, por serem imperfeitos, por sentirem raiva e xingar, por cometerem erros e, por isso, ficarem fora do padrão socialmente aceito.

causa de seu nariz arrebitado. Adora comer jabuticaba no pé, conversar com Emília, sua melhor amiga e grande companheira de aventura. De seus pais, nada se sabe. Tem 7 (sete) anos e é muito curiosa e sonhadora. Reinava nas histórias (ou será que, no fundo, era a Emília?)

Emília, a boneca de pano que vira gente, com sentimentos e ideias (ou opiniões?) independentes. Ela é conhecida por ser tagarela, atrevida e muito esperta. Faz do Visconde de Sabugosa seu escravo.

Pedrinho, primo de Narizinho, mora na cidade e vem passar as férias no *Sítio*. Pedro Encerrabodes de Oliveira é um menino de 10 (dez) anos, corajoso e aventureiro. De seus pais, também nada se sabe.

Visconde de Sabugosa, feito de um sabugo de milho por Pedrinho e costurado por Tia Nastácia, tem atitudes de adulto. Obteve a sua sabedoria pelos livros da Dona Benta. Possui talento para as Ciências. Apesar do título nobre, a cartola é tudo o que tem. Sempre é escolhido por Pedrinho para fazer as coisas mais perigosas, pois é “consertável” pela Tia Nastácia. Ele é muito obediente (submisso?) à Emília, que o ameaça constantemente de ter seus braços e pernas arrancados.

Cuca, vilã que aterroriza a todos do *Sítio*. Apesar de aparecer várias vezes na adaptação televisiva da Rede Globo, é figura presente apenas no livro *O Saci* (Cuca transforma Narizinho em pedra). Lobato a descreveu superficialmente, cabendo ao/à leitor/a dizer se ela é “velha com aparência de jacaré” ou se é “uma jacaré velha”.

Saci Pererê, primeiro herói negro da literatura infantil do Brasil para Cilza Bignotto! Em suas palavras:

Ele ensina Pedrinho não apenas a conhecer a mata e a realizar grandes feitos físicos, mas a filosofar: a pensar sobre sua condição humana, sobre males como a escravidão e a guerra, sobre bens como o estudo e o conhecimento. Algumas das mais bonitas lições dos livros de Lobato não são dadas por Dona Benta, mas pelo Saci. (BIGNOTTO, 2019)

O desafio que aqui nos impusemos foi o de conciliar o *Sítio do Picapau Amarelo* e os conhecimentos trabalhados na referida disciplina, através do diálogo com alguns autores. Quer dizer, o desafio foi o de fazer um exercício de fronteira e de pensamento.

3 | O SÍTIO E AS FRONTEIRAS

Uma pergunta que pode ser feita neste momento é: por que e para que colocar em diálogo o *Sítio do Picapau Amarelo* com autores renomados, como Bauman⁵?

A disciplina “Fronteiras do Pensamento” fez-nos refletir, através da leitura e discussão de artigos selecionados e escolhidos pelo Professor, o ponto de vista de escritores/as,

5 1925-2017. Foi sociólogo e filósofo polonês. Professor emérito de Sociologia das Universidades de Leeds (no Reino Unido) e de Varsóvia (Polônia). De filosofia humanista marxista e declaradamente socialista, é conhecido por 2 (duas) obras magnas *O mal-estar da pós-modernidade* e *Modernidade líquida*.

muitas vezes desconhecidos/as, ou não trabalhados, pela Educação e com a Educação. Cabe destacar que esses artigos, em sua maioria, estão disponíveis no blog “Navegações nas fronteiras do pensamento”⁶, que é atualizado quase que diariamente, sendo uma interessante fonte para os/as pesquisadores/as das fronteiras, e que alguns dados desses/as escritores/as serão trazidos neste trabalho, para uma melhor compreensão de suas ideias.

Em outras palavras, nenhum conhecimento apreendido e aprendido em Faculdades, em Centros Universitários, em Institutos Federais, em Universidades, em Cursos de Mestrado e de Doutorado, ou mesmo nos muitos Cursos PhD, pelo menos no mundo ideal, deve ficar apenas na Academia ou em catálogos de trabalhos de conclusão de cursos ou em banco de dados de relatórios (dissertações e teses). O conhecimento precisa ser compartilhado, disseminado, chegar até as escolas de nível fundamental e de nível médio. Afinal, quando se está em uma Universidade, um dos desejos, de docentes e discentes, é disseminar o que é analisado, debatido, produzido, promovendo o intercâmbio necessário entre a Ciência e a prática escolar.

Assim, se as escolas devem priorizar o ensino da língua portuguesa e promover o hábito da leitura, por que não aproveitar as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* para introduzir as crianças no universo fantástico? Por que não usar as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* para debater com os/as adolescentes a compreensão do mundo em que vivem, cheio de contradições e de possibilidade de um melhor convívio entre as pessoas, tão diferentes entre si? Ou, até mesmo, por que não trazer as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* para a Educação infantil, fazendo roda de contação de histórias do Saci?

Está registrado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

(...)

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

(...)

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

(...)

⁶ Criação de um grupo de alunos e do professor Miguel Lopes, está sob a gerência deste último. Para saber mais, leia <<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/search/label/Somos>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

(...)

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

I - linguagens e suas tecnologias;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

(...)

Em outros termos, a Educação deve assegurar a formação indispensável para o exercício da plena cidadania, fornecendo meios para que os sujeitos possam crescer e progredir intelectualmente, através do desenvolvimento da capacidade de aprender (com o domínio da leitura, da escrita e do cálculo e da aquisição de habilidades/formação de atitudes e valores) e de compreender (e também modificar, se necessário!) o ambiente a seu redor, ao mesmo tempo em que a Educação deve promover o fortalecimento dos vínculos de fraternidade, de solidariedade e de tolerância (valores que fundamentam as sociedades), de modo que esses mesmos sujeitos possam se apresentar flexíveis, diante das adversidades da vida de relação. Ressalte-se, aqui, o conceito de tolerância, qual seja, ato ou efeito de tolerar, indulgência, condescendência. Por sua vez, tolerar é o mesmo que “demonstrar capacidade de suportar”. Já indulgência significa ter disposição para perdoar e condescendência é anuir à vontade de outrem. Em outras palavras, ser tolerante é uma perspectiva em que a pessoa se coloca em uma posição de superioridade em relação à outra. Por exemplo, eu tolero o que você fez, porque eu não posso bater/prender/matar você. Quem diz isso, quem age assim, já se coloca em uma posição de ser melhor que o outro. Talvez a expressão “respeito mútuo” seja mais adequada, sendo que a palavra tolerância foi usada em obediência ao texto da LDB.

Assim, uma das maneiras de assegurar essa formação e promover os referidos valores pode ser a experiência proporcionada pelos ensinamentos (explícitos e implícitos) contidos em o *Sítio do Picapau Amarelo* à luz das descobertas advindas do exercício de pensar as fronteiras do conhecimento.

4 | O SÍTIO E SEUS PERSONAGENS EM DIÁLOGO COM ALGUNS AUTORES: O EXERCÍCIO DAS FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Já dissemos que o *Sítio do Picapau Amarelo* contém ensinamentos explícitos e implícitos. Impossível, neste espaço, analisar todos eles. Por isso, escolhemos trabalhar o próprio Sítio e os personagens já citados para dialogar com autores trabalhados na disciplina “Fronteiras do Pensamento”.

O Sítio

O Sítio de Dona Benta é uma área demarcada, ou seja, as fronteiras físicas do local onde Dona Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé e Narzinho moram estão bem delimitadas.

No entanto, é um espaço onde cabem vários mundos: os mundos da imaginação dos personagens, os mundos das grandes aventuras. Inclusive esses mundos são habitados por criaturas de todos os tipos, tamanhos, cores, crenças e condutas. A fronteira se

estende. Diríamos mesmo que ela se extingue, pois, os personagens não são só cidadãos de um pedaço de terra, eles são cidadãos do mundo, já que o Sítio está cheio de reinos (perguntamos: nós somos cidadãos/ãs do mundo?).

O Sítio, como fronteira, também é um lugar de transição; nele, a cultura está em constante movimento e troca. Os valores da fraternidade, da solidariedade e do respeito mútuo são vivenciados. Nele, os personagens caminham livremente entre os vários mundos. E no nosso mundo? A cultura também está em constante movimento? Mais, todas as culturas presentes no Planeta são respeitadas⁷? Como o espaço é distribuído? Existe livre circulação entre os habitantes dos países? Podemos ir (fisicamente) para onde desejarmos? Existe uma troca livre de aprendizagem de atitudes e de valores?

Essas são discussões de Achille Mbembe, presentes no texto *A ideia de um mundo sem fronteiras*. Filósofo camaronês, ele trabalha a utopia de um mundo sem fronteiras e convida a refletir sobre as 4 (quatro) liberdades de movimento: capital, bens, serviços e pessoas. Essas liberdades dentro da liberdade maior de ir e vir. Possuímos essa liberdade de maneira integral? Ele pergunta, por exemplo, por que quem tem passaporte americano pode se locomover para onde quiser e por que esse direito não se estende a toda a humanidade. Discute, portanto, as relações de poder e de submissão.

Neste sentido, pode-se trabalhar com as crianças que existem, sim, lugares demarcados, cujas fronteiras estão fechadas, e que existem lugares cujas fronteiras se expandem em nossa imaginação; e pode-se trabalhar com as/os adolescentes que ainda existem fronteiras coloniais que precisam ser enfrentadas, modificadas, lançando nas mentes infantojuvenis a semente da igualdade de direitos.

Dona Benta

É a democrática avó de Narizinho e de Pedrinho e excelente contadora de histórias, como já dito. Ela representa a/o adulta/o que incentiva e promove a Educação através da leitura, da imaginação, do contato com a diversidade.

Neste exercício de fronteiras do pensamento, a Dona Benta representa a sabedoria, a autoridade, a/o filósofa/o, e todo ser humano pode ser considerado filósofo, pois reside em nós a vontade de entender quem somos, por que aprendemos e explicar a realidade que nos cerca. No *Sítio*, a Dona Benta é a representação não só da sabedoria mas da bondade. Assim, pode-se conversar com as crianças sobre quem são os sábios (e as sábias) do mundo, sobre quem são as autoridades do mundo, como reconhecê-los e se aqueles que reconhecemos como sábios/autoridades são também bondosos, isto é, se trabalham pelo bem da humanidade. Com as/os adolescentes, podemos avançar e trabalhar o questionamento se aqueles que detêm em suas mãos a possibilidade de

7 Todas as culturas devem, realmente, ser respeitadas? Não se deve tomar uma cultura na sua totalidade e, desse modo, respeitá-la/condená-la como um todo. Por exemplo, não podemos condenar a cultura somali como um todo, apenas porque nessa cultura se pratica a mutilação da genital feminina. O que se deve condenar é essa prática cultural da mutilação.

garantir uma vida melhor à humanidade (pois detêm os recursos que garantiriam alimento, agasalho, teto, Educação e saúde aos bilhões de habitantes planetários) estão realmente preocupados com o bem-estar da humanidade e do Planeta ou se estão preocupados em acumular riquezas, sejam materiais, sejam imateriais (como o conhecimento intelectual-científico). Pode-se ensinar, também, a questionarem sobre o conhecimento produzido e transmitido, conhecimento que dita o que devemos pensar, como devemos pensar e para que devemos pensar. Afinal, foi o conhecimento apropriado por elites econômicas e políticas que promoveu e incentivou, por exemplo, as Grandes Guerras Mundiais, o Holocausto, as Bombas Atômicas, a fome na África, a fome no Brasil, as altas taxas de desemprego... É necessário conversar com as/os alunas/os sobre as misérias que nos cercam, sobre o projeto imperialista, sobre o aquecimento global e suas inúmeras consequências, sobre as migrações maciças (que a televisão e a internet dão notícia todos os dias), sobre a tremenda desigualdade social e por que a verdadeira democracia não sobrevive no Capitalismo⁸. Discutir com eles e elas quais seriam as tarefas, descritas pelo historiador Eduardo Mancuso, no texto *Pouco tempo para evitar a grande barbárie*, de quem pensa diferente e deseja enfrentar o Capitalismo (exemplo de uma dessas tarefas: unirmo-nos para a resistência ao sistema capitalista opressor e brutal, atualizando a utopia de que é possível viver em um sistema político-econômico mais humano).

Tia Nastácia

Tio Barnabé

Saci

Já dissemos que esses personagens são, respectivamente, a cozinheira do *Sítio*, o ex-escravo e o primeiro herói negro da literatura infantil brasileira. Agora queremos dizer que eles são os personagens negros da história. Tia Anastácia e Tio Barnabé são apresentados sem nomes completos e o Saci é uma das figuras do folclore brasileiro. Aqui, é importante perguntar às crianças por que a cozinheira é negra, se ainda existe escravidão no Brasil e se existe um lugar na sociedade para negros e negras e um lugar para brancos e brancas e, se esse lugar existe, quem determina a sua distribuição. De outra forma, Tia Nastácia, Tio Barnabé e Saci são o símbolo do mito da democracia racial que o nosso país vive, discussão presente no texto *Do mito da democracia racial à lei de cotas: a luta antirracista nas universidades brasileiras*, de Joaze Bernardino-Costa⁹.

Então, usando os citados personagens, pode-se discutir, de maneira bastante respeitosa, com as crianças e com os/as jovens que o Brasil é, sim, um país de racistas (estudando, por exemplo, a própria legislação – Constituição da República de 1988, artigo

8 Pareceu contraditório? Ora, como a verdadeira democracia pode sobreviver à ideia de que tudo pode ser transformado em mercadoria? Como a democracia pode sobreviver a um sistema que gera tantas exclusões e violências?

9 Doutor em Sociologia, pela Universidade de Brasília, pós-doutor em Estudos Étnicos, pela Universidade da Califórnia, Berkeley, e professor associado do Departamento de Sociologia da UnB.

5º, inciso XLII, e a Lei Federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor – que diz que o racismo é crime inafiançável e imprescritível; lançando mão de notícias de jornais e de revistas; pedindo para localizarem na internet dados de pesquisas que indicam o Brasil como um dos países mais racistas do mundo; solicitando que pesquisem a história dos negros no Brasil e por que foi necessária a criação de cotas para os/as negros/as em Universidades; requerer que enumerem quantos amigos/as negros/as têm, a fim de refletirem se são racistas; enfim, refletir sobre a ideia brasileira “o negro com alma branca”: o que isso quer dizer?).

No *Sítio*, a Tia Nastácia, o Tio Barnabé e o Saci também representam a sabedoria. Não a sabedoria dos livros (que é a sabedoria da Dona Benta), mas a sabedoria do folclore, que descortina novos universos; a sabedoria daquele/a que conhece a floresta como ninguém e que entende das superstições e daquele/a que é capaz de realizar grandes feitos físicos e também de filosofar (acerca da condição humana, da escravidão, da guerra...). Eles também representam a sabedoria que advém do Sul. Vamos entender.

A decolonialidade é um processo que busca transcender a hegemonia do pensamento eurocêntrico pela produção epistemológica contra a colonialidade do saber, do poder e do ser, valorizando diferentes formas de conhecer, com práticas educativas e investigativas ocorridas no Sul – em contraponto à epistemologia do Norte. Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, professor português e sociólogo: *“identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão”* (SANTOS, 2019, p. 18). Afinal, como dizer que existe igualdade de direitos e justiça social, sem igualdade e sem justiça cognitivas? Ensina-nos, ainda, Boaventura, em outro texto, denominado *Para enxergar o mundo com os sentidos do Sul* que é preciso des-pensar o que foi pensado até agora, enumerando 3 (três) des-pensamentos, quais sejam: 1º) aceitar que o entendimento do mundo é muito mais amplo que o entendimento ocidental; 2º) a diversidade é infinita e são infinitos os saberes e 3º) um pensamento alternativo de alternativas:

Esse pensamento, ele próprio internamente plural, visa reconhecer e valorizar experiências que apontam para formas de vida e de convivência que, apesar de pouco familiares ou apenas embrionárias, configuram soluções para problemas que cada vez mais afligem a nossa vida coletiva, como, por exemplo, os problemas ambientais. Tais experiências constituem emergências e só um pensamento alternativo será capaz de, a partir delas, construir uma sociologia das emergências. (SANTOS, 2017)

Narizinho

Lúcia Encerrabodes de Oliveira é uma menina de 7 (sete) anos, muito corajosa, destemida e sonhadora, que reina nas histórias do *Sítio*. Em nossos pensamentos, ela é o símbolo das questões de gênero, uma vez que suas qualidades são, via de regra,

atribuídas a homens brancos (em obediência ao pensamento eurocêntrico).

E, para essas perquirições, vamos nos socorrer com Eliane Gonçalves¹⁰ e Luiz Mello¹¹, usando o texto *Apresentação: gênero – vicissitudes de uma categoria e seus “problemas”*, disponível no já mencionado blog “Navegações nas fronteiras do pensamento”¹². Eles nos dizem que há muitas discussões em torno de gênero (expressão ausente nos dicionários formais brasileiros), descrevendo, inclusive, sobre a historicidade do conceito e a demonização da palavra nos últimos tempos. Esclarecem-nos, ainda, que as identidades (o ser homem e o ser mulher) são construídas socialmente e que, quando o Estado nos trata de maneira diferente, está atentando contra a democracia. Nas palavras deles:

Nos debates travados em câmaras municipais, assembleias legislativas, redes sociais e, especialmente, nos meios de comunicação vinculados a grupos religiosos, as categorias analíticas “ideologia” e “gênero” foram dessubstancializadas de seus sentidos histórico, socioantropológico e político e passaram a ser utilizadas indiscriminadamente, na forma da expressão “ideologia de gênero”, como o novo “lobo mau” a ser combatido pelas/os defensoras/es da moral e dos bons costumes. Secundarizou-se, antes de tudo, que gênero é conceito estruturante para a compreensão da dominação de homens sobre mulheres – e de cisgêneros sobre transgêneros e de heterossexuais sobre homossexuais –, fundamental para a compreensão da violência endêmica produzida por homens, especialmente heterossexuais, contra mulheres (incluindo as lésbicas), pessoas trans e homens gays, e para o histórico contexto de desigualdade social e econômica entre homens e mulheres, especialmente quando fundada também em outros atributos legitimadores de opressão e exclusão social, como raça/cor e idade. (GONÇALVES e MELLO, 2017)

Os/As professores/as podem trabalhar o “Programa Escola sem-partido” como exemplo de que a ideia de igualdade entre as pessoas ainda é atacada nos dias hodiernos (complementamos: a ideia de igualdade ainda é atacada por opiniões. De outro modo: é a ideia de equidade de gênero sendo atacada pela opinião de que essa equidade é coisa de Satanás, atribuindo a homens heterossexuais direitos advindos de privilégios divinos/naturais).

Portanto, a tarefa política¹³ e a tarefa educativa é conversar com as crianças que

10 Professora-adjunta da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e no Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade. É doutora em Ciências Sociais e co-fundadora e colaboradora permanente do Grupo Transas do Corpo, organização feminista, desde 1987.

11 Professor associado da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, com atuação no Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade. É doutor em Sociologia, com pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid, Espanha.

12 <<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com.br/2017/06/dossie-genero-vicissitudes-de-uma.html>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

13 Jason de Lima e Silva, professor de Filosofia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, ensina, em sua “Carta sobre política aos estudantes” (2018), que política é atividade (pertencente a todos), além de ser ciência, propondo três sentidos: 1) o sentido comunitário, de pertencimento, pois nascemos inseridos/as em uma dada sociedade, que possui a sua linguagem; 2) o sentido perceptivo da realidade, que varia de ser humano para

meninos e meninas podem ser diferentes em sua biologia mas que são iguais em direitos e em possibilidades de escolhas e que, por isso, devemos exercitar o respeito onde quer que estejamos, com todas/os a nosso redor, respeito aos/às que pensam e têm ideias e opiniões diferentes das nossas. Afinal, qual o problema de menina brincar com carrinho e menino brincar com bonecas? (é isso que realmente dirá de nossa sexualidade?) Perguntar quem gostaria de ser a Narizinho e qual o motivo. Com os/as jovens, a discussão pode ir um pouco mais além, respondendo as perguntas, que eles e elas trouxeram, desprovidas e desprovidos (professoras e professores) de preconceitos, esclarecendo que todas e todos somos seres humanos e que, por isso mesmo, a diversidade é imensa, explicando que todos/as devem ser respeitados/as em suas escolhas, e que não devemos promover a exclusão e/ou a violência (seja simbólica, emocional ou física)!

Pode-se, por exemplo, iniciar as referidas discussões pela projeção do vídeo: “Gênero e Número”¹⁴, que possui menos de 2 (dois) minutos de duração, seguido da projeção do trailer do filme: “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero”¹⁵. Em seguida, convidar esses/as adolescentes para produzirem um vídeo eles/as mesmos/as, um vídeo que discuta as questões de gênero, considerando os pontos de vista deles/delas e o que aprenderam. Para essa atividade, ler e estudar o texto de Bergala, intitulado *Criar em aula: a passagem ao ato* (2008). Bergala é crítico de cinema francês, ensaísta, roteirista e diretor; ele incentiva que os/as alunos/as possam exercer a criatividade e a aprendizagem, administrando o tempo da criação individual e o tempo da criação coletiva.

Emília

Ela é a boneca de pano falante, esperta e atrevida. Muitos/as de nós gostaríamos de tê-la como companheira. Mas ela vive ameaçando o Visconde de Sabugosa de arrancar seus braços e pernas e, por causa dessa ameaça, o Visconde de Sabugosa faz tudo o que a boneca quer, ele é escravo da Emília.

Desse modo, para as reflexões aqui presentes, a Emília é o símbolo da racionalidade do mal, discutida por Zygmunt Bauman, na obra *Modernidade e Holocausto*.

Bauman nos faz pensar por que o Holocausto aconteceu e por que poucos homens armados foram responsáveis pela morte de milhões de pessoas. Ele explica que a razão foi protegida, que a lógica da sobrevivência foi defendida, de tal maneira que o desejo da sobrevivência levou à não resistência da destruição do outro. Quer dizer, sofredores foram colocados contra outros sofredores. Ele se pergunta como reagiria se um desconhecido batesse à sua porta e lhe pedisse que se sacrificasse por ele. Como nós reagiríamos se um/a desconhecido/a batesse à nossa porta e pedisse o sacrifício de nossas vidas para

ser humano; é convite para sair do individualismo e pensar no coletivo, no bem maior, no bem-comum; e 3) o sentido de mediação de conflitos e interesses, que é a arte do poder, da atividade de governo, para o bem maior, julgando “as coisas públicas publicamente”. Se se pensa em poucos, a política está desvirtuada.

14 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RFbScJG1bDg>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

15 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJ64IPTAMSU>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

que ele/ela sobrevivesse?

O mundo desumano criado por uma tirania homicida desumanizou as suas vítimas e aqueles que assistiram passivamente à vitimação, o que obteve pressionando uns e outros a usar a lógica da autopreservação como meio de se absolverem da inação e insensibilidade moral. Ninguém pode ser considerado culpado pelo simples fato de ceder sob tal pressão. Mas ninguém pode se furtar à auto-censura moral por tal capitulação. E só quando nos sentimos envergonhados de nossas fraquezas podemos finalmente destroçar a prisão mental que sobreviveu a seus construtores e carcereiros. A tarefa, hoje, é destruir esse poder que tem a tirania de manter prisioneiras suas vítimas e testemunhas muito depois de desmantelada a prisão. (BAUMAN, 1998, p. 235)

Bauman nos diz que o que realmente importa é que o mal não é todo-poderoso; que podemos a ele resistir. Durante o período escravocrata no Brasil, muitas/os resistiram. Na Segunda Grande Guerra, muitas/os resistiram. Muitas/os resistem até hoje. Então, trabalhar com os/as jovens como resistir ao mal, como colocar a obrigação moral do cuidado com o outro e com a humanidade acima, muitas vezes, da própria sobrevivência, permitindo que elas e eles pesquisem e apresentem exemplos de resistência. Seria um momento interessante para o estudo do período escravocrata brasileiro e para discussões acerca da permanência ou não da ideia de escravidão no Brasil e no mundo.

Pedrinho

Primo de Narizinho, mora na cidade grande e vem passar as férias no *Sítio*, como já sabemos. Pedro Encerrabodes de Oliveira é um menino de 10 (dez) anos, corajoso e aventureiro. Neste texto, Pedrinho simboliza a possibilidade que todos e todas temos de mudar o mundo. Mas, mudar o que, para que e para quem?

Discutir com as crianças que tudo muda. Fazer uma linha do tempo com a evolução tecnológica, por exemplo, discutindo como era a vida sem energia elétrica, sem geladeira, sem máquina de lavar, sem telefone/celular, sem computador e sem internet e como é a vida com energia elétrica, com geladeira, com máquina de lavar, com telefone/celular, com computador e com internet. Essa linha do tempo pode conter também imagens de como era o Planeta há 200 anos e como ele está hoje. Fazer uma outra linha do tempo, mostrando a evolução da espécie humana, do gênero *homo*, passando do *homo erectus*, depois para o *homo ergaster*, o *homo habilis* (mulheres e homens que faziam ferramentas de pedra, talvez de ossos humanos), o *homo heidelbergensis*, o *homo floresiensis*, o *homo neanderthalensis* e, por fim, o *homo sapiens* (o homem e a mulher da atualidade, grandes empreendedores/as da História, da Sociologia, da Biologia, da Geografia, das Ciências, da Matemática...). Na linha de raciocínio de que tudo muda, conversar com as crianças como a presença humana modificou o Planeta (o aquecimento global, a poluição...) e o que podemos fazer para consersar a vida saudável na Terra, quais condutas precisam ser mudadas (os conhecidos 4 Rs: repensar, reduzir, reutilizar e reciclar).

Com os/as adolescentes, como dito anteriormente, as discussões podem ser mais maduras, pois, se queremos uma casa planetária para nos abrigar, precisamos mudar nossa maneira de pensar e nossa maneira de agir agora. Quem sabe usar como exemplo, em consonância com a coragem do Pedrinho, a coragem da adolescente Greta¹⁶, perguntando se eles/as se identificam com Pedrinho ou com Greta e o porquê da identificação ou da ausência de identificação.

Por fim, o pensamento de Immanuel Wallerstein, sociólogo estadunidense, pode nos ajudar nessa discussão. Diz ele, em uma entrevista dada a Sophie Shevardnadze, em 2011, intitulada *O tempo em que podemos mudar o mundo*, que o mundo todo sofre problemas e que o sistema capitalista cairá, considerando as suas próprias contradições. Diz ele que o momento histórico em que vivemos convida a ações coletivas, e mesmo individuais, que farão diferença para o destino da humanidade. Por isso, precisamos escolher o nosso lado: se contra o Planeta ou se a favor dele; se usaremos da violência e da barbárie para resolver impasses políticos e econômicos ou se lançaremos mão de outras ferramentas, que privilegiam a existência humana e os direitos do outro, nas relações sociais.

Visconde de Sabugosa

É um personagem sério e possui muito medo da Emília, submetendo-se às ordens dela. Ele mora na biblioteca da Dona Benta. Também já está registrado que ele possui talento para as Ciências. Portanto, neste ensaio, ele é o símbolo da Ciência.

Perguntamos, como Attico Chassot¹⁷: a ciência é masculina? Por que será que Monteiro Lobato escolheu um personagem masculino para representar a Ciência?

No intuito de responder essas perguntas e de ser fiel ao pensamento do professor Chassot, transcrevemos abaixo o resumo do artigo intitulado *A ciência é masculina? É, sim senhora!...*:

Partindo do princípio de que não somos sociedades machistas por acaso, são analisadas três vertentes que nos constituíram como humanos no mundo ocidental: a grega (os mitos e a Filosofia), a judaica (cosmogonia e a Torá) e a cristã (Apóstolo Paulo e outros doutores da Igreja Cristã). Discute-se as (des) contribuições destas três raízes que nos fizeram assim. A Ciência não é uma exceção e também a Filosofia, a arte, a religião e o esporte evidenciam marcas machistas. [Na Ciência essa análise pode ser feita por muitos indicadores, por exemplo, listagem de prêmios Nobel.] Ao se destacar a presença de algumas

16 Greta Ernman Thunberg nasceu em Estocolmo/Suécia, em 03/01/2003. Ativista ambiental, em agosto de 2018, ausentou-se das aulas para protestar, exigindo ações que diminuíssem as mudanças climáticas. Ela escreveu em folhetos: “Meu nome é Greta Thunberg, estou na 9ª série e em greve estudantil. Já que vocês adultos não se importam com meu futuro, eu também não irei”. Foi considerada, em dezembro de 2019, personalidade do ano pela revista americana *Time*. O presidente Donald Trump disse que ela é uma “menina feliz” e o presidente Jair Bolsonaro a ela se referiu como pirralha. Leia <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/politica/por-que-bolsonaro-se-irrita-tanto-com-greta/ar=AA5K7OE?ocid=spartandhp>> que é um artigo da Revista Isto É, publicado no dia 13 de dezembro de 2019, e foi assinado por Antônio Carlos Prado, editor da revista, e Guilherme Sette, jornalista da referida revista.

17 Licenciado em Química (UFRGS, 1965), mestre em Educação (UFRGS, 1976) e doutor em Ciências Humanas (UFRGS, 1994) e pós-doutorado pela Universidade Complutense de Madrid (2002). Autor de vários livros. Sua linha de pesquisa é: práticas educativas, saberes e formação do educador.

mulheres cientistas – Hipátia, Marie Curie, Margareth Mead – se traz duas hipóteses para possível superação do machismo na Ciência: uma histórica e outra biológica. O texto quer contribuir para que tenhamos uma sociedade menos desigual quando às diferenças de gênero. (CHASSOT, 2004, p. 9)

Portanto, a Educação, em consonância com a LDB, deve procurar sair do ciclo machista em que se encontra e possibilitar o desenvolvimento a suas/seus educandas/os da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, de maneira indistinta, já que homens e mulheres são seres da Ciência, pois as mulheres também pensam! De outra forma: a atribuição da Ciência ao gênero masculino foi uma construção histórica e, se essa construção levou muitos séculos, a desconstrução exigirá esforço e persistência também seculares. Começemos, então, dizendo que meninas e meninos são cientistas; elaboremos atividades científicas que serão realizadas por todas e todos; desafieemos adolescentes a pesquisarem as grandes mulheres cientistas/pensadoras, nos muitos ramos do conhecimento e das artes, criando um catálogo com as pesquisas por elas/eles feitas.

Cuca

É a vilã da história, aterrorizando a todos do *Sítio*.

Ah... a vilania, tão presente em nossas vidas, de tantas formas! Por isso, é importante trabalhar em sala de aula o que é o bem e o que é o mal. Aliás, o bem e o mal são de difícil identificação, e não podem ser entendidos de forma maniqueísta: ninguém é absolutamente bom; ninguém é absolutamente mal.

Pode-se trabalhar, então, com as crianças os comportamentos voltados para o bem, a fim de promover o fortalecimento dos vínculos de fraternidade, de solidariedade e de respeito mútuo. Com os/as adolescentes estes comportamentos podem ser fortalecidos de uma maneira mais reflexiva. Por exemplo, através de uma sessão de cinema, proporcionando a projeção do filme “O rei das moscas”¹⁸ e, em seguida, uma discussão à luz do texto do Professor Miguel Lopes, intitulado *O senhor das moscas: os labirintos do poder e da violência numa antropologia da cultura* (2006). Afinal, a ideia é que crianças e adolescentes cresçam como sujeitos que se mostram flexíveis diante das adversidades da vida de relação. Pode-se, assim, perguntar e discutir: quem é a Cuca no filme “O rei das moscas”? Como a Cuca é alimentada? Como a Cuca pode ser destruída? Em nosso mundo, quem é a Cuca? Como destruí-la? Trabalhar, necessariamente, que é o mal que deve ser destruído e não as pessoas, pois para as pessoas existem as leis, que devem ser

18 Baseado no romance de William Golding (vencedor do Prêmio Nobel em 1983), o filme é de 1990. Possui 90 (noventa) minutos de duração e tem por roteirista Jay Presson Allen: um grupo de meninos, cadetes militares americanos, sofre um acidente de avião em pleno mar. Esse grupo consegue sobreviver ao acidente e fica perdido em uma ilha deserta, sem a presença de um adulto que possa deles cuidar. Com as dificuldades que surgem – como busca de alimento –, eles se unem, estabelecendo divisão de tarefas pela sobrevivência e por um possível resgate. Entretanto, à medida que o tempo passa e que os meninos vão conhecendo e dominando a Ilha, muitos deles chegam à conclusão que o resgate é quase impossível. Cresce no grupo um sentimento de competição (alimentado por um deles) e a luta pelo poder é iniciada. O grupo, então, se vê dividido em 2 (dois) grupos.

respeitadas e cumpridas.

Para se refletir acerca do mal, sugerimos a leitura e o estudo das *Palavras finais*, da obra de Jack Goody (antropólogo e etnohistoriador britânico), denominada *O roubo da história: como os ocidentais se apropriaram das ideias e invenções do Oriente*, e também a leitura do capítulo *O ódio contra o ocidente*, da obra *A linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense*, de Domenico Losurdo (filósofo marxista italiano). São textos que, respectivamente, proporcionam reflexão acerca do papel do chamado eurocentrismo em nossas vidas e do discurso ideológico americano.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: FRONTEIRAS E ÉTICA: QUE DIÁLOGO?

As discussões aqui presentes, tão atuais para os momentos que vivemos, podem ser levadas também para os Cursos de Pedagogia, talvez sem a presença do *Sítio do Picapau Amarelo*, talvez com a presença do *Sítio* (quem foi que disse que jovens adultos/as ou adultos/as jovens ou mesmo idosos/as não podem raciocinar usando a Literatura em diálogo com autores/as das mais variadas áreas do conhecimento?). E, mais, nos Cursos de Pedagogia (que formam os/as profissionais da Educação), essas discussões podem caminhar mais estreitamente com as questões éticas. Quer dizer, a Ética como o cenário onde os/as personagens, trazidos/as e estudados/as, desfilam e se entrelaçam; a Ética como as entranhas que acolhem as reflexões críticas sobre relações de poder, democracia, decolonialidade, igualdade de direitos, respeito, necessidade de mudança para um mundo melhor, racionalidade e vergonha, ciência do humano e da humana e bem e mal. A Ética também como porta aberta da possibilidade do ensino de melhores condutas, a fim de que crianças, adolescentes e adultos/as possam melhor viver no Planeta Terra, em bases de fraternidade, solidariedade e respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Pós-reflexão: racionalidade e vergonha. In: **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1998. p. 230-36. Disponível em: <https://www.academia.edu/8069685/BAUMAN_Z_Modernidade_e_Holocausto>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

BIGNOTTO, Cilza e LUIZ, Fernando. **Como trabalhar Monteiro Lobato em sala de aula**. Publicado em 2019. Disponível em: <<http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Como-trabalhar-Monteiro-Lobato-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 10 Dez. 2019.

BERGALA, Alain. Criar em aula: a passagem ao ato. In: **A Hipótese Cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink – CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008. p. 169-211.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Do mito da democracia racial à lei de cotas: a luta antirracista nas universidades brasileiras. In: SANTOS, Deborah Silva, GARCIA-FILICE, Renísia Cristina e RODRIGUES, Ruth Meyre Mota (orgs.). **Políticas públicas e raça: avanços e perspectivas**. São Paulo: Comunicação Integrada, 2016. p. 40-63.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 3 Jul. 2019.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 3 Jul. 2019.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 3 Jul. 2019.

CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina? É, sim senhora!.... Contexto e Educação*. Editora UNIJUÍ. Ano 19, n. 71/72, jan./dez., 2004, p. 9-28. Disponível em:<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1130/885>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

DABASHI, Hamid. **Os não-europeus pensam?** Tradução de Paulo Barata. Portugal: Ed. Elsinore, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1987.

GONÇALVES, Eliane e MELLO, Luiz. Apresentação: gênero – vicissitudes de uma categoria e seus “problemas”. *Cienc. Cult.* [online]. São Paulo, jan./mar., 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100012>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

GONTIJO, Fabiano. As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. *Cienc. Cult.* [online]. São Paulo, jan./mar., 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100017>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

GOODY, Jack. Quem roubou o quê? Tempo de espaço. In: **O roubo da história**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-36.

_____. Palavras finais. In: **O roubo da história**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 325-346.

GROSFUGUE, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFUGUE, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, 2. ed. p. 55-77.

KANASHIRO, Marta M. Apresentação: vigiar e resistir: a constituição de práticas e saberes em torno da informação. *Cienc. Cult.* [online]. São Paulo, jan./mar., 2016, vol. 68, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000100010>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

LOSURDO, Domenico. O ódio contra o Ocidente. In: **A linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 243-276.

_____. À Guisa de Conclusão: os decretos de excomunhão do aspirante a império mundial. In: **A linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 277-284.

LOPES, José de Sousa Miguel. Fronteiras, hibridismo e mestiçagem e seus desdobramentos formativos. **Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane** (Moçambique), Vol. 1, n. 0, Maputo, 2012. p. 80-88.

_____. O senhor das moscas: os labirintos do poder e da violência numa antropologia da cultura. In: LOPES, José de Sousa Miguel e TEIXEIRA, Inês assunção de Castro (orgs.). **A diversidade cultural vai ao cinema**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006. p. 65-87.

MANCUSO, Eduardo. **Pouco tempo para evitar a grande barbárie**. Publicado em 2017. Disponível em: <<https://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com.br/2017/07/pouco-tempo-para-evitar-grande-barbarie.html>> e em <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/pouco-tempo-para-evitar-a-grande-barbarie/>>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

MANO, Máira Kubík. Da suspeição à suspensão: reflexões sobre os caminhos recentes da democracia brasileira sob uma perspectiva de gênero. **Cienc. Cult. [online]**. São Paulo, jan./mar., 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100014>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

MBEMBE, Achille. **A ideia de um mundo sem fronteiras**. Publicado em 2019. Disponível em: <<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2019/06/achille-mbembe-ideia-de-um-mundo-sem.html>> e em <<https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

MUFTI, Aamir. **A Europa como ideal fascista** (Entrevista). Publicada em 2017. Disponível em <<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com.br/2017/07/aamir-mufti-europa-como-ideal-fascista.html>> e em <<https://www.publico.pt/2017/07/09/culturaipsilon/entrevista/a-europa-como-ideal-fascista-1778046>>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

ONFRAY, Michel. Por uma contra-história da filosofia. In: **A Contra-História da Filosofia: as sabedorias antigas**. Vol I. São Paulo; WMF, Martins Fontes, 2008. p. 11-32.

RIOS, Flávia, PEREIRA, Ana Cláudia e RANGEL, Patrícia. Paradoxo da igualdade: gênero, raça e democracia. **Cienc. Cult. [online]**. São Paulo, jan./mar. 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100015>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

RIOS, Roger Raupp e SILVA, Rodrigo da. Democracia e direito da antidiscriminação: interseccionalidade e discriminação múltipla no direito brasileiro. **Cienc. Cult. [online]**. São Paulo, jan./mar., 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100016>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

RODRIGUES, Carla. Problemas de gênero na e para a democracia. **Cienc. Cult. [online]**. São Paulo, jan./mar., 2017, vol. 69, n. 1. ISSN 2317-6660. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000100013>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por que as epistemologias do Sul: Caminhos artesanais para futuros artesanais. In: **O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 17-38.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologia do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23-71.

_____. **Para enxergar o mundo com os sentidos do Sul**. Publicado em 2017. Disponível em: <<https://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com.br/2017/07/boaventura-de-sousa-santos-para.html>> e <<https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-enxergar-o-mundo-com-os-sentidos-do-sul/>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

SANTOS, Emanuelle; SCHOR, Patrícia. Brasil, estudos pós-coloniais e contracorrentes análogas: entrevista com Ella Shohat e Robert Stam. In: **Rev. Estud. Fem.** Vol. 21, n. 2. Florianópolis. Mai/Ago. 2013.

SILVA, Jason de Lima e. **Carta sobre Política aos estudantes**. Publicado em 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/carta-sobre-politica-aos-estudantes/>>. Acesso em 17 Jul. 2019.

SOARES, Celiana Mota Rodrigues. A inclusão da temática gênero e suas relações intra e interpessoais nos currículos da educação básica. In: SANTOS, Deborah Silva, GARCIA-FILICE, Renísia Cristina e RODRIGUES, Ruth Meyre Mota (orgs.). **A transversalidade de gênero e raça nas políticas públicas: limites e possibilidades**. São Paulo: Comunicação Integrada, 2016. p. 164-183.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O tempo em que podemos mudar o mundo**. Publicado em 2011. Disponível em: <<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com.br/2011/10/o-tempo-em-que-podemos-mudar-o-mundo.html>> e <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/o-tempo-em-que-podemos-mudar-o-mundo/>>. Acesso em: 25 Mai. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aluno 5, 18, 40, 41, 43, 47, 48, 50, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 69, 75, 76, 77, 78, 87, 129, 139, 143, 169, 171, 172

Análise do discurso 80, 83, 84, 113, 122

Aprendizagem 2, 6, 8, 10, 18, 36, 40, 41, 43, 48, 54, 56, 57, 59, 62, 63, 70, 72, 73, 74, 78, 86, 90, 98, 100, 104, 107, 126, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 142, 143, 144, 150, 151, 152, 161, 163, 169, 170, 171, 172, 177

Arte 40, 46, 56, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 70, 82, 83, 93, 95, 104, 106, 115, 118, 147, 175

Artes visuais 64

B

BNCC 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 71, 74, 75, 76, 77, 79

C

Cartoons 71, 72, 74, 76, 77

Cidadania 8, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 82, 97, 98, 99, 125, 159, 178

Cinema 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 93, 104, 107, 108, 110

Comunidade 8, 12, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 82, 97, 130, 164, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176

Conscientização 50, 51, 53, 55, 78, 124

Criança 53, 55, 76, 77, 97, 126, 132, 133, 147, 161, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

Criticidade 74, 124, 125, 133

Cultura 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 27, 47, 73, 74, 76, 78, 81, 82, 83, 90, 91, 100, 107, 110, 119, 123, 134, 145, 147, 151, 155, 156, 159, 165, 166

Currículo 8, 9, 56, 63, 64, 65, 73, 79, 144

Curso técnico 24, 37, 57, 67

D

Dança 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 32, 33, 64, 119

Descarte 50, 52, 53, 54

Discurso 59, 74, 80, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 108, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 157

Docente 41, 68, 70, 92, 93, 136, 139, 140, 141, 142, 145, 150, 170

E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72,

73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 86, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 146, 151, 152, 154, 155, 159, 160, 166, 167, 172, 174, 177, 178

Educação física 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 60, 76, 77

Educadores 38, 39, 40, 42, 43, 45, 47, 57, 68, 94, 126, 151, 154, 177

Ensino 1, 6, 8, 10, 11, 12, 17, 18, 19, 22, 40, 41, 43, 48, 49, 53, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 85, 86, 87, 92, 97, 98, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 176, 177

Ensino fundamental 1, 6, 8, 63, 71, 78, 80, 86, 98, 127, 132, 133, 134, 149, 152

Ensino técnico 56, 57, 135, 137, 140, 142, 148

Entretenimento 18, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 162

Escola 2, 3, 8, 26, 27, 28, 34, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 53, 60, 65, 66, 68, 70, 77, 86, 93, 98, 103, 108, 126, 127, 129, 130, 133, 134, 137, 142, 144, 145, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178

Esporte 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 70, 76, 106

Ética 49, 75, 92, 93, 94, 98, 108, 126, 146, 147

Experiência 19, 27, 36, 37, 38, 49, 53, 58, 65, 66, 68, 69, 99, 124, 136, 141, 158, 159, 161, 167, 176

F

Família 18, 77, 82, 83, 97, 98, 121, 147, 160, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 177

Fantoches 50, 53

Feminino 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 122

Formação 5, 18, 23, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 58, 63, 64, 70, 74, 77, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 106, 113, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 150, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 163, 164, 165, 174, 176, 177

Fronteiras do pensamento 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 103, 116

G

Gênero textual 71, 72, 74

H

Hip-Hop 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10

Humanização 124, 133, 151, 160

I

Imaginário 89, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 133, 134, 146, 162

Indígena 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91

Infantil 8, 24, 26, 63, 66, 95, 96, 97, 101, 124, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 147, 175
Internet 95, 101, 102, 105, 125, 127, 129, 132, 133, 162, 165

L

Lazer 7, 10, 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 64

Leitor 71, 74, 77, 78, 79, 96, 112, 121, 122, 126, 132, 140, 143, 147, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 170, 171, 176, 177

Leitura 12, 16, 21, 22, 40, 41, 71, 72, 74, 76, 78, 79, 89, 96, 97, 98, 99, 100, 108, 119, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Livro 8, 29, 46, 60, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 96, 117, 118, 126, 127, 132, 133, 140, 147, 151, 152, 156, 158, 159, 160, 164, 165, 168, 170, 172, 175

Lixo 50, 51, 53, 54, 55

M

Meio ambiente 50, 52, 53, 75

Monteiro Lobato 92, 93, 95, 106, 108

Mulher 103, 105, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Música 4, 5, 9, 40, 43, 46, 64, 65, 83

O

Orientação 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 36, 75, 113, 115, 120, 138, 160, 163

P

Pibid 50, 51, 53, 56, 69, 145

Plástico 50, 52, 54, 55

Professor 40, 41, 47, 48, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 70, 74, 75, 76, 81, 86, 92, 96, 97, 101, 102, 103, 106, 107, 129, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 155, 158, 160, 161, 163, 164, 169, 170, 171, 172, 175, 178

Q

Qualidade de vida 12, 24, 25, 31, 35, 36, 159

R

Resíduos 50, 51, 54

S

Saúde pública 124, 130

T

Teatro 50, 53, 54, 56, 57, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

5

 Atena
Editora

Ano 2021

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Políticas Públicas na Educação e a Construção do Pacto Social e da Sociabilidade Humana

5


Ano 2021